

A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana

Paola Carloni¹

RESUMO

A construção da Psicanálise se relaciona com a própria história de Freud. O autor percebeu em elementos a sua volta as bases para teorizar sobre o ser humano e o sofrimento psíquico, que resultaram na Psicanálise. Sigmund Freud tentou entender a gênese da histeria e se esbarrou na sexualidade humana e a partir disso criou o conceito de inconsciente, derivando daí formulações importantes, como as duas tópicas que explicam a constituição do aparelho psíquico humano, o conceito de libido, o Complexo de Édipo e a teoria da incompletude. Esses importantes constructos freudianos são a base deste artigo que, por meio de uma revisão bibliográfica, pretende dar subsídios para aqueles que iniciam os estudos desta teoria, que revolucionou o pensamento sobre o ser humano no século XX. Para isso, pretende-se compreender a história de surgimento da psicanálise e seus principais conceitos que são fundamentais para os cursos de bacharelado e licenciatura que tenham a Psicologia em sua grade curricular.

Palavras chaves

Psicanálise, estrutura psíquica, Complexo de Édipo e incompletude.

INTRODUÇÃO

A teoria formulada por Sigmund Freud no início do século XX é ampla e complexa. O autor começa seus estudos ainda no fim do século XIX, mas publica sua primeira obra considerada psicanalítica *A interpretação dos sonhos*, em 1900. Assim, o desenvolvimento de tal teoria se relaciona ao próprio contexto de início de século XX, em que ocorreram diversas transformações em todo o mundo.

Ao tentar entender o sofrimento psíquico de pacientes diagnosticadas com histeria, Freud acaba por perceber e construir diversos conceitos ligados à constituição do psiquismo humano. Conceitos complexos que são desenvolvidos nos quarenta anos

¹ Paola Carloni é mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás, instituição em que cursou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e fez especialização em Assessoria de Imprensa. Fez ainda um intercâmbio de um ano da Universidade do Minho, em Braga, Portugal, para estudar psicologia. Atualmente cursa o último ano de Psicologia na Universidade Federal de Goiás e é professora adjunta na Faculdade Araguaia.

de história da Psicanálise, desenvolvida por Freud, e ainda em mais de cem anos de Psicanálise em que outros autores teorizam a partir dos constructos freudianos.

O artigo pretende ser um passo introdutório na leitura e entendimento desses conceitos. Este início não substituir a leitura do próprio autor, pois o aprendizado diretamente com o psicanalista é mais rico do que qualquer revisão bibliográfica.

1 - A construção da teoria psicanalítica

A Psicanálise se constitui como uma teoria desenvolvida por Sigmund Freud, tendo como marco inicial a publicação da obra *A Interpretação dos Sonhos*, no início de 1900. Os estudos de Freud, que levaram à elaboração da teoria, começaram alguns anos antes, quando ainda eram realizados na área de formação do autor: a medicina (FREUD, 1996b).

As doenças nervosas não eram respeitadas pelos médicos da época, pois os aspectos psíquicos não eram considerados científicos, mas apenas o que era mensurável ou passível de algum tipo de comprovação material. "Eles não sabiam o que fazer do fator psíquico e não podiam entendê-lo. Deixavam-no aos filósofos, aos místicos e – aos charlatães: e consideravam não científico ter qualquer coisa a ver com ele" (FREUD, 1996b, p. 215). O autor se dedicou às investigações do psiquismo com forte influência da biologia, devido a sua formação médica.

O pensamento freudiano é fruto de sua época. As explicações teológicas já não satisfaziam e a ciência era o novo modo de entender a realidade. Ele desenvolve uma teoria científica, mesmo que os positivistas critiquem a Psicanálise como sendo filosofia e não ciência. Freud viveu em uma sociedade patriarcal, burguesa capitalista, em que a mulher era muito oprimida.

Freud nasceu em 1856, na então Morávia e faleceu em 1939. Mudou-se para Viena ainda na infância. Destacou-se nos estudos e cursou medicina. Desenvolveu estudos na área médica, inclusive com o alcalóide cocaína e suas propriedades anestésicas.

Estudou em Paris com Charcot sobre hipnose em pacientes com histeria. Esses estudos foram mal recebidos pela comunidade científica em Viena, que se apoiava em uma ciência aos moldes positivistas.

Aproximou-se de Breuer, um dos médicos de família bem conceituados de Viena, com quem estudou sobre a histeria. Eles utilizavam o método catártico no tratamento de pacientes histéricas por meio da sugestão hipnótica.

No estudo com esses primeiros pacientes Freud percebe que há uma outra lógica operando na estrutura psíquica humana, além da consciência: o inconsciente (Ele se questiona: Por que tanto esquecimento? Para onde vão os conteúdos suprimidos da consciência?).

Freud (1996a) concluiu, por intermédio desses estudos, que além da consciência outra lógica operava no homem, em que alguns conteúdos permaneciam não revelados ao sujeito: o inconsciente. A Psicanálise considerava tudo de ordem mental como sendo consciente ou inconsciente. O inconsciente é ambivalente, pois o tempo não é linear e contrários coexistem, como o não e o sim. Dessa maneira, o sujeito pode amar e odiar ou querer e não querer ao mesmo tempo, seguindo uma linha dialética².

² Segundo Abbagnano (1982, p. 252), em relação ao conceito de dialética: "esse termo, que deriva o seu nome do diálogo, não foi empregado, na história da filosofia com um significado unívoco, que possa determinar-se e esclarecer-se uma vez por todas; mas recebeu significados diferentes, diferentemente aparentados entre si e não redutíveis uns aos outros ou a um significado comum. Podem-se, todavia, distinguir quatro significados fundamentais: 1º a dialética como método da divisão; 2º a dialética como lógica do provável; 3º a dialética como lógica e 4º a dialética como síntese dos opostos". De acordo com o autor, estes quatro conceitos se originam de quatro doutrinas distintas: platônica, aristotélica, estoica e hegeliana, respectivamente. Para Abbagnano (1982, p. 252) "pode-se dizer, por exemplo, que a dialética é o processo em que comparece um adversário para ser combatido ou uma tese para ser refutada e que supõe, portanto, dois protagonistas ou duas teses em conflito; ou que é um processo que resulta da luta ou do contraste de dois princípios ou de dois momentos ou de duas atividades quaisquer". Nesta perspectiva, é possível atribuir o conceito de dialética à lógica do funcionamento psíquico estabelecido por Freud, pois nele há a coexistência de contrários e uma luta ou contraste entre dois princípios, tanto entre Eros e Tânatos, quanto entre id, ego e superego ou princípio de prazer e de realidade. Além dessa, também na dialética platônica é possível identificar as características do funcionamento psíquico teorizadas por Freud. Segundo Abbagnano (1982, p. 252) "em um passo famoso do *Sofista*, Platão enumera as três alternativas fundamentais que o processo dialético pode encontrar: 1º que uma única ideia permeie e abrace muitas outras, as quais todavia permanecem separadas dela e exteriores umas às outras; 2º que uma única ideia reduza a unidade muitas outras ideias, na sua totalidade; 3º que muitas ideias permaneçam inteiramente distintas entre si (*Sof.*, 253 d). Essas três alternativas apresentam dois casos extremos: o da unidade de muitas ideias em uma delas, e o da sua heterogeneidade radical; e um caso intermediário: uma ideia que abranja outras sem fundi-las em uma unidade". Essa lógica explicada por Platão é próxima à lógica atribuída por Freud ao inconsciente e aos processos mentais, pois para a Psicanálise também pode haver, no psiquismo, uma ideia que permeie e abrace outra, mesmo que elas permaneçam separadas e que a mesma ideia reduza outras a sua totalidade e ainda assim permaneçam distintas. A dialética hegeliana também pode ser comparada à forma do funcionamento do psiquismo freudiano. "Mas para Hegel a dialética é "a própria natureza do pensamento" (*Enc* § 11) já que é a resolução das contradições em que a realidade finita, que como tal é objeto do intelecto, permanece enredada. A dialética é a resolução imanente na qual a unilateralidade e limitação das determinações

Ele desenvolve duas teorias do aparelho psíquico. Na primeira teoria do aparelho psíquico ou primeira tópica freudiana, se divide o psiquismo em inconsciente, pré-consciente e consciente. O inconsciente, para Freud, era uma instancia psíquica em que o paciente sabe, mas não sabe que sabe. O inconsciente não segue uma lógica linear, mas atemporal e dialético, onde contrários coexistem. O inconsciente é estruturado como linguagem e é a fonte de energia do psiquismo humano. O pré-consciente seria responsável por armazenar as informações que não estão na consciência naquele exato momento, mas podem ser acessadas sempre que necessário. Há um fluxo constante entre as três instâncias.

Estar consciente é, em primeiro lugar, um termo puramente descritivo, que repousa na percepção do caráter mais imediato e certo. A experiência demonstra que um elemento psíquico (uma idéia, por exemplo) não é, via de regra, consciente por um período de tempo prolongado. Pelo contrário, um estado de consciência é, caracteristicamente, muito transitório; uma idéia que é consciente agora não o é mais um momento depois, embora assim possa tornar-se novamente, em certas condições que são facilmente ocasionada. (FREUD, 1996d, p.27 e 28).

Ainda neste primeiro momento e com base nesses estudos, o autor desenvolve outro conceito importante, a libido. A libido é a energia erótica que possibilita a vida. Utilizar-se desta energia para fins socialmente aceitos (arte, religião, estudo, etc..) resulta em sublimação. É também a libido quem une os homens para fins reprodutivos.

Posteriormente ele desenvolve a segunda teoria do aparelho psíquico ou segunda tópica ao perceber que o psiquismo era mais complexo do que a divisão em inconsciente, consciente e pré-consciente. Neste segundo momento ele divide a estrutura psíquica em id, ego e superego. O id é a fonte de energia pulsional (libido). Ele é inconsciente e regido pelo Princípio do Prazer³. O ego faz a mediação entre os desejos

intelectuais se exprime como o que ela é, ou seja, como a sua negação. Todo finito tem isto de próprio; suprime-se a si mesmo" (ABBAGNANO, 1982, p. 255). Na lógica freudiana também há um conflito entre as contradições do psiquismo, em que um se constitui como negação e complementaridade do outro, suprimindo-se a si mesmo e ao seu oposto, na medida em que o compõe. Dessa maneira a síntese, por exemplo, de inconsciente e consciente ou princípio de prazer e princípio de realidade constitui a subjetividade do indivíduo.

³ Princípio do Prazer é um conceito elaborado por Freud em que ele estabelece que há uma tendência geral do psiquismo em obter prazer, eliminando o desprazer, por meio da diminuição dos níveis de tensão intrapsíquicos. Esse prazer é buscado de maneira imediata e a qualquer custo, não levando em conta a necessidade de autoconservação do ego. Para regular esse princípio, há, em relação com ele, o Princípio de Realidade, que media a relação do Princípio do Prazer com o mundo externo, segundo a ordem da economia psíquica, que prevê a eliminação do desprazer como prioritário em relação à satisfação das pulsões.

do id, as impossibilidades da realidade externa e as interdições do superego. Está ligado ao Princípio de Realidade, por meio do qual o homem pode se tornar civilizado, tem parte consciente e outra inconsciente. O superego é o herdeiro do complexo de Édipo e acusa os desejos do id, antes mesmo que cheguem à consciência. O superego possui uma maior parte inconsciente e outra pequena consciente.

Id, ego e superego são diferentes, mas não são separados. Há uma relação dialética entre eles. Desse modo, possuem a mesma natureza e atuam em conjunto, produzindo, na estrutura psíquica, uma síntese que compõem a subjetividade. O psiquismo tem como infraestrutura o que é orgânico. Freud (2003) explica que a energia libidinal está na fronteira do psíquico e do somático.

O id, regido pelo princípio do prazer, quer suas necessidades atendidas imediatamente. O ego tenta conciliá-las com as demandas do mundo externo e do superego. Assim, na lógica capitalista, tenta-se conciliar id e ego, atendendo ao imediatismo do id pela satisfação não adiada e pelo gozo compulsivo. Os desejos do id não reconhecem o tempo ou local, podendo retornar por meio de sonhos ou sintomas em qualquer momento da vida do sujeito.

A intemporalidade é o ideal do prazer. O tempo não pode sobre o id, que é o domínio original do princípio de prazer. Mas o ego, por cujo intermédio, exclusivamente, o prazer se torna real, está em sua inteireza sujeito ao tempo. A mera previsão do fim inevitável, presente a todo instante, introduz um elemento repressivo em todas as relações libidinais e torna o próprio prazer doloroso. [...] O fluxo de tempo é o maior aliado natural da sociedade na manutenção da lei e da ordem, da conformidade das instituições que relegam a liberdade para os domínios de uma perpétua utopia; o fluxo de tempo ajuda os homens a esquecerem o que foi e o que pode ser: fá-los esquecer o melhor passado e o melhor futuro (MARCUSE, 1969, p. 200).

O tempo e a possibilidade do fim, por intermédio da morte, são aspectos importantes da interdição que permitem ao ego manter o equilíbrio do psiquismo. Com a finalidade de se autopreservar, o ego não consente que algumas exigências sejam sequer desejadas conscientemente. No plano inconsciente o superego acusa o id, e o ego trata de reprimi-las antes mesmo que cheguem ao consciente, gerando o sentimento de culpa.

Ora, as 'restrições externas' que, primeiro, os pais e, depois, outras entidades sociais impuseram ao indivíduo são 'introjetadas' no ego e convertem-se em 'consciência'; daí em diante, o sentimento de culpabilidade – a necessidade de punição, gerada pelas transgressões ou desejo de transgredir essas restrições (especialmente, na situação edípica) – impregna a vida mental (MARCUSE, 1969, p. 49).

O homem, pela transformação dos instintos animais, é capaz de renunciar à satisfação imediata e ao prazer, em nome da satisfação adiada, que gera segurança, para constituir a vida em sociedade. A libido, energia que possibilita essa transformação, destina-se para a reprodução humana na relação entre os sexos e é também desviada desse objetivo e dirigida para a realização de outras atividades humanas cuja finalidade é a produção de cultura, que Freud (1997) denomina sublimação. Na sublimação, o objeto e o objetivo são modificados e o que era originalmente sexual encontra satisfação em uma realização não sexual genital, mas erótica, na medida em que se investe energia libidinal em um substituto, "de uma valoração social ou ética superior" (FREUD, 1976a, p. 129).

Essa energia sexual está ligada à Pulsão de Vida, que possui uma relação de ambivalência, contradição e complementaridade com o Instinto de Morte. A Pulsão de Vida, ou Eros, é a força que mantém tudo o que é vivo unido e age no sentido de conservar a vida. "E a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?" (FREUD, 1997, p. 39). Em uma relação de contraposição e de complemento, há o Instinto de Morte, ou Tânatos.

Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que, ao lado do instinto para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver um outro instinto, contrário àquele, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico. Isso equivalia a dizer que, assim como Eros, existia também um instinto de morte. Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta, desses dois instintos (FREUD, 1997, p. 77).

Enquanto Eros tende a manter a união, seja das partículas do corpo, ou dos próprios seres humanos, Tânatos é a força que tende a transformar o que é orgânico em inorgânico, manifestando-se por meio da agressividade e da destrutividade. Eles aparecem intimamente relacionados, e "os dois tipos de instinto raramente – talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas [...] estão mutuamente mesclados em

proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para nosso julgamento" (FREUD, 1997, p. 78). Essa relação entre Eros e Tânetos constitui o psiquismo. A possibilidade de civilização implica na subjugação dos instintos pulsionais humanos, e seu investimento em objetos que possibilitem a vida em sociedade.

Freud (1996a) divide o desenvolvimento da libido em quatro fases, que não são lineares, mas podem se sobrepor, mesmo que teoricamente se defina uma ordem: fase oral, fase anal sádica, fase fálica, latência e fase genital. De acordo com a fase, o investimento libidinal se encontra em um órgão ou parte do corpo. Elas serão fundamentais para entender importantes formulações na teoria freudiana, como o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração.

Nasio (1989) aprofunda nas explicações freudianas sobre o Complexo de Castração. Para o autor, o conceito psicanalítico não diz respeito diretamente à mutilação dos órgãos sexuais da criança, mas a sua ameaça, por meio de uma experiência psíquica vivida pelo infante em que as interdições e as leis começam a fazer parte da vida humana. A experiência do Complexo de Castração em relação à suposta mutilação dos órgãos sexuais, fantasiada pela criança, é inconsciente e será decisiva na constituição do sujeito. É preciso que a criança entenda e internalize que não pode ter todas as suas vontades atendidas. Os limites, impostos pelos progenitores, serão fundamentais para a constituição psíquica da criança.

O aspecto essencial dessa experiência consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até ali, ela vivia na ilusão da onipotência; dali por diante terá de aceitar que o universo seja composto por homens e mulheres e que o corpo tenha limites (NASIO, 1989, p. 13).

Segundo Nasio (1989), ao observar pessoas do sexo oposto, com o órgão sexual diferente, o menino deduz que as mulheres foram castradas e as meninas que elas próprias o foram, assim como a mãe. Esse é um ponto importante do Complexo de Castração, que será fundamental no desenvolvimento do Complexo de Édipo.

Nesse momento o órgão superinvestido libidinalmente é o órgão ameaçado. As crianças buscam prazer manipulando-o. "Essa é a época das ameaças verbais que visam a proibir à criança suas práticas auto-eróticas e obrigá-las a renunciar a suas fantasias incestuosas" (NASIO, 1989, p. 14). A criança passa a conhecer a interdição e precisa

renunciar à satisfação imediata para conviver em sociedade. Ela descobre que seus desejos não podem e não serão atendidos imediatamente. A Castração aliada ao Édipo inaugura o *não* na vida do sujeito.

O menino constata que há pessoas sem pênis e que, portanto, a possibilidade de perdê-lo é real. Já as meninas, que se percebem castradas e observam que a mãe também o foi, culpam-na pela ausência do pênis/falo⁴. A menina, assim como o menino, também postula sobre a universalidade de um órgão comum, mas percebe a diferença anatômica, como explica Freud (1996c, p. 280).

Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítima da inveja do pênis.

Segundo Freud (1976a), o menino, ao eleger a mãe como o objeto de amor, identifica-se com o pai e vê nele um rival, que compete pelo amor materno, inaugurando o Complexo de Édipo. "Durante um certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que os desejos sexuais do menino em relação a mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo" (FREUD, 1976a, p. 46). O menino quer se livrar do pai e ocupar seu lugar junto à mãe. A ameaça de castração por parte do pai, que faz a interdição da relação com a mãe, e o medo de perder a proteção paterna, leva a criança a abandonar o Complexo de Édipo. Sendo assim, há a eleição posterior de substitutos para o investimento libidinal fora da relação incestuosa. "Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos" (FREUD, 1997, p. 85). A renúncia ao objeto proibido, ou, à satisfação imediata, e a capacidade de desviar a energia para a eleição de outros alvos da libido pode se constituir como sublimação.

O Complexo de Édipo feminino é distinto do masculino e menos trabalhado na teoria freudiana. Nele, a menina atribui a culpa da sua castração à mãe e desenvolve sentimentos de hostilidade para com ela. A menina elege o pai como objeto de amor, na esperança de que ele lhe dê o falo, que ela não possui. A castração, que finaliza o Complexo de Édipo masculino, dá início ao feminino. Ele se desfaz no decorrer da

⁴ Segundo Nasio (1989), o falo se refere ao poder. Não se trata do pênis anatômico, mas do poder que ele representa. "A primazia do falo não deve ser confundida com uma suposta primazia do pênis. [...] O elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão sexual masculino, mas a representação construída com base nesta parte anatômica do corpo do homem" (NASIO, 1989, p. 33).

infância, pois a menina percebe que não poderá ter o pai ou o falo que ele representa, e, assim como o menino, substitui o amor erótico em relação às figuras parentais pela eleição de um objeto fora da relação incestuosa. "Esse motivo é facilmente descoberto no desamparo e na dependência dela a outras pessoas, e pode ser mais bem designado como medo da perda de amor" (FREUD, 1997, p. 84 e 85).

Para Nasio (1989, p. 33), "a prevalência do falo significa que a evolução sexual infantil e adulta ordena-se conforme esse pênis imaginário – chamado falo – esteja presente ou ausente no mundo dos seres humanos". O falo, entendido como poder e não reduzido ao pênis anatômico, é fundamental para compreender alguns mecanismos de dominação da sociedade capitalista. Dentro deste sistema, o poder possibilita a força e perpetua a dominação.

O poder é buscado como uma promessa de salvação em meio à insegurança e ao desamparo desta sociedade competitiva. "A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. Todos têm que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas" (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 144).

A felicidade, sinal de poder e diferença social, é prometida a todos. A satisfação, que deveria ser interdita desde a infância, é incitada ao custo de um alto preço. "Todos podem ser como a sociedade todo-poderosa, todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem de corpo e alma, desde que renunciem à pretensão de felicidade" (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 144). O desamparo é compensado pela confiança que se tem nas promessas de gozo e satisfação de uma sociedade imediatista. "Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas" (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 116).

Para que se possa viver em sociedade, "os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios." (MARCUSE, 1969, p. 33). Por esse motivo, o Complexo de Castração, aliado ao Édipo, introduz a criança na vida em sociedade. O indivíduo passa a investir libidinalmente em outros objetos, para além do seu próprio corpo ou das figuras parentais. É esse o processo de produção das neuroses, mas é também o movimento que propiciou que o homem pudesse tornar-se um ser civilizado, pela sublimação.

2 - O trauma do nascimento e a incompletude humana

De acordo com Freud (1996e), ao nascer, o sujeito perde o conforto do útero materno, em que suas necessidades eram atendidas antes do desejo ser instaurado. No útero materno, antes mesmo que o bebê sentisse fome o cordão umbilical já proporcionava o alimento necessário e assim também em relação às outras necessidades. Em contato com a realidade, o bebê se vê diante de uma situação desprazerosa e se sente ansioso. Circunstância que se repetirá em outros momentos em que o sujeito se sentir ameaçado.

Presumimos, em outras palavras, que um estado de ansiedade é a reprodução de alguma experiência que encerrava as condições necessárias para tal aumento de excitação e uma descarga por trilhas específicas, e que a partir dessa circunstância o desprazer da ansiedade recebe seu caráter específico. No homem, o nascimento proporciona uma experiência prototípica desse tipo, e ficamos inclinados, portanto, a considerar os estados de ansiedade como uma resposta do trauma do nascimento (FREUD, 1996e, p. 132).

Com o nascimento, o sujeito se torna um ser que passa a ter necessidades e, portanto, instaura-se o desejo. A partir de então, ele busca por toda a vida aquele estado de satisfação, a completude sentida no útero materno, ou, a felicidade. Para Freud (1997, p. 23), os sujeitos “esforçam-se por obter felicidade: querem ser felizes e assim permanecer”. E a busca se dá na procura do prazer por intermédio da fuga ao desprazer. Freud (1997, p. 25) explica ainda que “já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar”. A própria fuga ao sofrimento é encarada pelo homem como felicidade.

A sociedade capitalista se apropria da incompletude humana e estabelece a promessa da felicidade pelo consumo (que se assemelharia à completude perdida com o nascimento). A mercadoria se torna um substituto para o objeto perdido, tentando saciar a falta. Dessa maneira, há o estabelecimento de padrões que devem ser seguidos. “Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis porque são aceitos sem resistências” (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 114).

A ansiedade, referida por Freud (1996e) em relação ao trauma do nascimento, que inicialmente surgiu para alertar sobre os estados de perigo e que remete ao desprazer e a uma situação de desamparo, é apropriada no processo de alienação. A lógica desta sociedade se fundamenta no mecanismo em que o indivíduo se encontra

fragilizado para assegurar que pela adesão à ideologia capitalista ele será amparado, tendo sua ansiedade apaziguada. "A ansiedade surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete" (FREUD, 1996e, p. 133).

Na sociedade capitalista, regida pela liberdade econômica, a insegurança e o desamparo são o preço pago pelos sujeitos para que possam viver a pseudoliberalidade em meio ao individualismo. Ao garantir a obtenção de prazer e ao mesmo tempo fracassar em relação à promessa, o sujeito se prende na trama em que se precisa consumir sempre mais para tentar obter a felicidade anunciada e fugir da insegurança e do desamparo.

Não há a satisfação assegurada e nem a felicidade é alcançada, como explicam Horkheimer e Adorno (1985). O sujeito consome irrefletidamente, sem elaborar ou renunciar e, diante da exacerbação da ansiedade, intensifica o consumo aos produtos que a indústria entrega com a promessa da completude, ou, do gozo pleno. Antes mesmo que o desamparo e a ansiedade possam levá-lo a refletir sobre o estado de coisas, novos produtos e ideais lhe são oferecidos e criticá-los ou opor-se a eles significa a exclusão do meio social. "Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. Excluído da atividade industrial ele terá sua impotência facilmente comprovada" (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 125).

A subjetividade é influenciada pelo momento histórico. Por certo que em um contexto que favorece o individualismo, mesmo com possibilidade de liberdade, a insegurança e o desamparo são aumentados pela possibilidade de fracasso e solidão. Compreender a teoria psicanalítica permite entender o homem de hoje mesmo que Freud tenha desenvolvido sua teoria na primeira metade do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria freudiana é ampla e complexa. Muitos conceitos desenvolvidos pelo autor da Psicanálise foram revistos e reformulados pelo próprio autor em textos seguintes. Estudar Psicanálise é se abrir às possibilidades de caminhar com o próprio autor tentando percorrer e entender os desdobramentos de mais de quarenta anos de produção.

Este artigo pretendeu-se introdutório para aqueles que ainda não conhecem a teoria, por meio de uma revisão bibliográfica das obras do próprio Freud e de autores que estudam a teoria psicanalítica. Sem dúvida que nenhum levantamento bibliográfico pode ser mais rico do que fazer o percurso com o próprio autor. Assim, pretende-se suscitar no leitor a curiosidade para refletir a partir dos escritos freudianos. Quem chegou até aqui deu o primeiro passo no entendimento da Psicanálise que pressupõe o entendimento do próprio psiquismo humano. De agora em diante o diálogo deve se dar com o próprio Freud.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____. Uma breve descrição da Psicanálise. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol XIX, 1996b p. 215-234.
- _____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol XIX, 1996c p. 277-286.
- _____. O Ego e o Id. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol XIX, 1996b p.15 – 82. 1996d.
- _____. Inibição, sintomas e ansiedade. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago vol. XX, 1996e.
- _____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- _____. O ego e o id. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1976a. p. 23-83.
- _____. **Psicologia de grupo e análise do ego e dois verbetes de enciclopédia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.
- _____. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume 1. Coordenação de tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.